



Las Jornadas

ARTIS

INSTITUTO DE HISTÓRIA DA ARTE

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U

LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

FLUL

LETRAS
LISBOA

04 NOV
2015

SALA DE ACTOS
FLUL

INÍCIO:
14.30H



RESUMOS

Vasco Medeiros

*Arte e Ciência: Assimetria e Fractais - Uma Intuição Disruptiva na
Composição Maneirista*

Alexandra de Carvalho Antunes

O Caes da Praça do Commercio: Memória e Identidade

Eduardo Pires de Oliveira

André Soares: Cenografias em Arquitectura

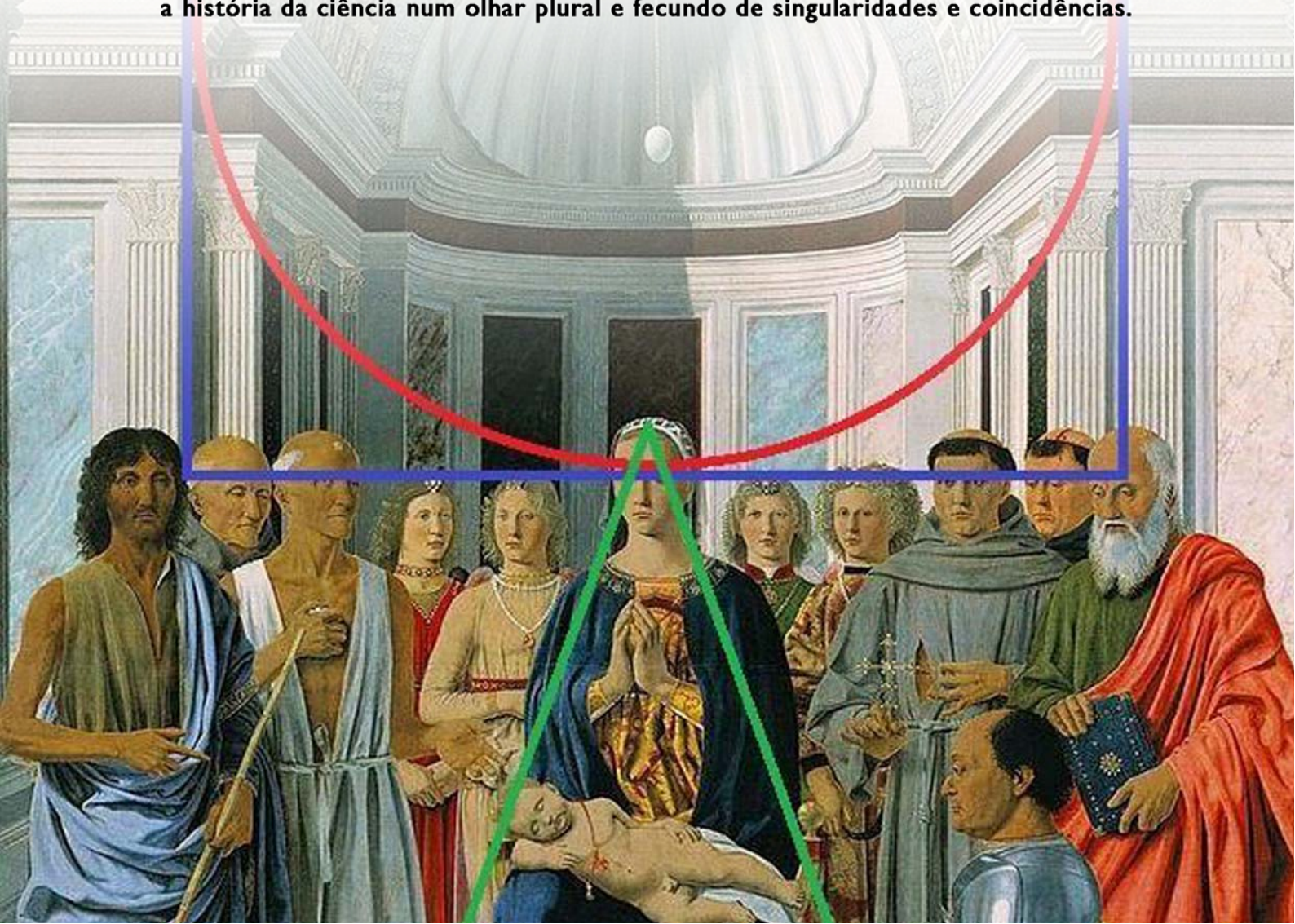
Sofia Braga

*Cyrillo Volkmar Machado e os Ciclos de Pintura Mural nos Palácios da
Cidade de Lisboa*

Vasco Medeiros

Arte e Ciência: Assimetria e Fractais - Uma Intuição Disruptiva na Composição Maneirista

O que Nassim Taleb nos propõe em *The Black Swan* é precisamente esse rasgo conceptual entre uma visualização Euclidiana do universo e a sua genuína e veraz vertente fractal, disruptiva, morfológica e caótica. Trata-se de mais um retrato da conflituosidade das pulsões criadoras e destruidoras desse eterno combate entre um pensamento racional versus o mito e a magia. Um retrato possível dessa dissidência surge quando a ciência dos últimos quarenta anos desmobiliza o espaço erigido entre a lógica e o visível revelando nesse intervalo formas irregulares, caóticas e disruptivas – falamos da geometria fractal de Mandelbrot, dos princípios de auto-semelhança de Alan Turing e da teoria do caos de Lorenz. Mas será realmente inovadora e original esta visão universal, onde formas plenas de organicidade ocultam no seu âmago toda a irregularidade e todo o caos? Estes padrões geométricos, disruptivos e dendríticos encontram-se já intuídos na manifestação maneirista da segunda década do século XVI. Interessa repensar não apenas o maneirismo Europeu à Luz desta evidência, mas também a história da ciência num olhar plural e fecundo de singularidades e coincidências.



Alexandra de Carvalho Antunes
O Caes da Praça do Commercio: Memória e Identidade

A Praça do Comércio foi planeada e construída, depois do grande terramoto de 1755, na mesma localização do seu antecessor – o Terreiro do Paço. A construção do vasto "caes da Praça do Commercio" somente na década de 1770 foi verdadeiramente impulsionada, tendo-se prolongado até aos últimos anos de Setecentos. Em 1910, a Praça do Comércio – incluindo todos os seus edifícios e também a estátua equestre de D. José I –, foi classificada Monumento Nacional.

A comunicação proposta visa apresentar os momentos fundamentais da construção do "caes da Praça do Commercio", gizado enquanto muralha desenvolvida por mais de duas centenas de metros e integrando originalmente três embarcadouros de pedra. Sem descurar a análise das diversas mutações suportadas pelas simbólicas e "míticas" colunas, bem como os cerimoniais de que foi palco, e atendendo aos conceitos de singularidade, autenticidade e identidade, será ainda discutida a formação do valor patrimonial do "caes do meyo" (*Caes das Columnas*).



Eduardo Pires de Oliveira
André Soares: Cenografias em Arquitectura

André Soares foi autor de uma obra em que há sempre uma constante cenográfica, seja na arquitectura, seja na talha. Se nuns edifícios cria uma plataforma artificial para os destacar, noutros recua-os ou cria um pórtico aparente para permitir uma melhor visibilidade e dar uma maior monumentalidade; noutros ainda utiliza algo que lhe é muito caro, o ornato “gordo”, para o edifício se poder destacar mesmo a grande distância. Na talha salientemos o conjunto da igreja do convento de Tibães. A sua obra, sendo apenas uma parte da talha existente faz, contudo, parecer a quem entra no templo que está numa igreja totalmente recoberta com talha rococó.



Sofia Braga

Cyrillo Volkmar Machado e os Ciclos de Pintura Mural nos Palácios da Cidade de Lisboa

O tema a que me proponho expor encontra-se relacionado com as campanhas de pintura mural executadas pelo artista Cyrillo Volkmar Machado (1748-1823) – um dos artistas mais empreendedores do panorama cultural e artístico da segunda metade do século XVIII –, para as principais casas da burguesia endinheirada (Quintela e Porto Côvo), assim como para a elite nobre da altura, a Casa dos Grandes (Lafões e Pombeiro-Belas). Estas pinturas são não só um testemunho transmemorial da profícua actividade deste pintor-escritor, mas revelam-nos também um território inexplorado da produção artística da segunda metade do século XVIII.

Além da análise da obra ainda remanescente, será dado a conhecer a obra de pintura que já não existe (a cripto-história da Arte) devido às vicissitudes do tempo e à incompreensão do valor do artista e da sua obra. É neste âmbito que os ciclos que outrora protagonizou para o rico capitalista inglês Gerard DeVisme, para Domingos Mendes o Manteigueiro, para o 1.º Marquês de Loulé, Domingos José de Moura Barreto, e para a Casa de Gonçalo José da Silveira Preto, serão aqui debatidos num diálogo constante em que a obra de arte assume um claro protagonismo.

